

O relato de Graça Aranha sobre o concurso de Tobias Barreto

Spacca

O escritor maranhense Graça Aranha (1868-1931) relata em seu livro de memórias[1] a apoteose que se viveu no concurso que se submeteu Tobias Barreto, com vistas a lecionar na Faculdade de Direito do Recife. São páginas de ardente entusiasmo e devoção, que bem dimensionam a influência que o sergipano Tobias Barreto (1839-1889) exerceu no cenário nacional. Graça Aranha principia por contextualizar a contenda:

“Abrira-se o concurso para professor substituto da Faculdade. Foi o concurso de Tobias Barreto. Eu já havia iniciado meus estudos na Academia. O que me ensinaram de filosofia do direito, eu não entendia. Era superior ao meu preparo, e professado sem clareza, sem o fluido da comunicação (...) O concurso abriu-se como um clarão para os nossos espíritos. A eletricidade da esperança nos inflamava. Esperávamos, inconscientes, a coisa nova e redentora. Eu saía do martírio, da opressão para a luz, para vida, para a alegria”[2].



Graça Aranha fora um dos primeiros à chegar “ao vasto salão da Faculdade”[3], tomando posição junto a uma grade que, recorda, “separava a Congregação da multidão de estudantes”[4]. O favoritismo de Tobias Barreto, prossegue Graça Aranha, fora imediato[5]. Lembrou que o candidato, “mulato desengonçado, entrava sobre o delírio das ovações”[6]. A descrição de Tobias Barreto é minuciosa:

“Os seus olhos flamejavam, da sua boca escancarada, roxa, móvel, saía uma voz maravilhosa, de múltiplos timbres, a sua gesticulação transbordante, porém sempre expressiva e completando o pensamento. O que ele dizia era novo, profundo, sugestivo. Abria uma nova época na inteligência brasileira e nós recolhíamos a nova semente, sem saber como ela frutificaria em nossos espíritos, mas seguros que por ela nos transformávamos”[7].

Para Graça Aranha, ao longo do concurso, os professores da Faculdade teriam sido humilhados em seus espíritos reacionários[8]; acreditava que o momento marcava a emancipação da mentalidade brasileira, “afundada na teologia, no direito natural, em todos os abismos do conservantismo”[9]. Ao fim da preleção oral Tobias Barreto teria recebido “a mais grandiosa manifestação dos estudantes, a cujo entusiasmo aderiram as lentes unânimes”[10].

Graça Aranha narra que saltou da grade e atirou-se aos braços de Tobias Barreto, que teria perguntado se o entusiasta já era acadêmico[11], ao que confirmou que já era calouro[12]. O escritor concluiu, confirmando a imensa influência que Tobias Barreto exercia sobre a juventude:

“ Que deslumbramento! Não voltei a meus colegas. Fiquei por ali mesmo, metido em algum canto da sala da Congregação, e saí acompanhando, como uma pequena sombra, o Mestre. À

noite, eu estava em sua casa em Afogados. Nunca mais me separei intelectualmente de Tobias Barreto”[13].

Essas memórias foram registradas passados 40 anos dos fatos, que Graça Aranha registrou como um *grande choque mental*[14]. Para Graça Aranha aquele encontro lhe afirmara a “personalidade independente e soberana”[15]. A grande lição do mestre sergipano, segundo Graça, fora a de “pensar desassombadamente, a de pensar com audácia, a de pensar por si mesmo, emancipado das autoridades e dos canons”[16]. A crítica de Tobias Barreto destruía e, ao mesmo tempo, apontava novas perspectivas para a cultura, firmando novas bases para a inteligência, na compreensão do escritor maranhense[17].

Tobias Barreto é admirado internacionalmente. Foi objeto de ensaios[18] e de importantíssimo livro de Mario Losano[19], sobre o qual tive conhecimento em conversa com o ministro Carlos Ayres Britto (profundo e incomparável conhecedor da obra de Tobias Barreto) e com Thiago Pádua, jovem e dedicado estudioso da história da Filosofia do Direito no Brasil. Mario Losano estará nessa semana que vem no Brasil, discutindo Bobbio, Kelsen e o papel do filósofo frente a guerra e a paz. No ensaio da semana que vem tratarei da influência de Tobias Barreto na vida e na concepção de mundo de Graça Aranha.

[1] Aranha, Graça, *O meu próprio romance*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1931, pp. 147 e ss.

[2] Aranha, Graça, cit., pp. 147-148.

[3] Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[4] Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[5] Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[6] Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[7] Aranha, Graça, cit., p. 149.

[8] Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[9] Aranha, Graça, cit., pp. 149-150.

[10] Aranha, Graça, cit., p. 150.

[11] Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[12] Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[13] Aranha, Graça, cit., pp. 150-151.

[14] Aranha, Graça, cit., p. 151.

[15] Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[16] Aranha, Graça, cit., p. 151.

[17] Cf. Aranha, Graça, cit., loc. cit.

[18] Consultar Losano, Mario, *O Germanismo em Tobias Barreto*, in Barreto, Luiz Antonio, *Obras Completas de Tobias Barreto, Estudos Alemães*, Sergipe: Editora Diário Oficial pp. 273-281.

[19] Losano, Mario, *Un giurista tropicale – Tobias Barreto fra Brasile reale e Germania ideale*, Roma e Bari: Laterza, Roma Bari 2000.

Date Created

05/10/2014